

A VOLTA DA CLAQUETE

O DIRETOR DE *LOUCOS POR CINEMA*, ANDRÉ LUIZ, FALA DE SEU TRABALHO QUE COMEÇA A SER FILMADO AMANHÃ, NO PÓLO

MARCOS SAVINI

A partir de amanhã, o Pólo de Cinema e Vídeo do DF (localizado em Sobradinho) abre suas portas para abrigar a produção de mais um filme em suas instalações, inauguradas com as filmagens de *A Terceira Margem do Rio*, de Néelson Pereira dos Santos. Rompendo um jejum de 20 anos, desde que filmou *A Lenda do Ubirajara*, em 1974, o cineasta André Luiz volta aos longas-metragens com *Louco Por Cinema*. A história se passa na maior parte do tempo dentro de um manicômio, onde seus personagens vivem os ecos das utopias e loucuras que marcaram a juventude do final dos anos 60. O filme faz também uma homenagem ao cinema brasileiro, e é definido pelo diretor como "uma neochanchada próxima aos filmes da Atlântida".

Jornal de Brasília — Qual será o tema central de *Louco Por Cinema*?

André Luiz — O filme trata da busca da identidade. Ele se passa num manicômio, onde um homem supostamente louco pode ser na verdade mais lúcido que todo mundo que está do lado de fora. O filme mostra a luta que é a busca de si mesmo dentro deste estado de alienação que vivemos no mundo atual. Não sabemos ainda como será o resultado do filme, mas pretendemos descobrir com ele o que fazer com as utopias perdidas da minha geração.

— É um filme que fala e personagens sacrificados?

— A minha geração ficou com uma grande interrogação sobre o que foi feito da idéia de liberdade que experimentamos nos anos 60. Ela se pulverizou, gerando muita frustração ou alienação. Muitos se adaptaram ou se venderam, outros acabaram morrendo ou se internando. Quando nós, que tínhamos utopias libertárias de vida amorosa, nos encontramos na rua, sentimos uma coisa no ar, um *frisson* que se esvai deixando um hiato quando cada um vai cuidar de sua história. Fica uma nostalgia, e eu sinto que a continuidade daquela utopia são as terapias alternativas que começaram a ser gestadas naquela época. Por isso a personagem principal do filme é uma terapeuta. É ela que facilita a viagem de volta e a recuperação da identidade perdida no desenrolar do filme.

— O manicômio é então o lugar da resistência contra a brutalização e alienação do mundo...

— Ele mostra sinais. Não é a solução. Mas é no trabalho com toda a repressão somatizada que se pode encontrar uma direção. A consciência negativa do mundo passa por um estado de cristalização absoluta. Ainda vamos ver muita maluquice destes mecanismos de autodestruição expressos nas grandes cidades, na alienação do homem, no automatismo da sociedade. Quase nada está fora disto, e o manicômio simboliza esta situação. No



Interrompendo um jejum de 20 anos, quando filmou *A Lenda do Ubirajara*, André Luiz quer recuperar o tempo: "Minha geração ficou com uma interrogação sobre a noção de liberdade"

filme, cada "louco" representa certos setores da sociedade: um fantasma que é deputado, outra é uma grande mística. Mas o filme não é um documentário, não visa apontar nada disto de maneira discursiva.

— Lula, um dos personagens principais do filme, decide fazer um filme para resgatar sua identidade. Vai aí alguma comparação com a sua própria história, já que você está há 20 anos sem filmar?

— Não tem um filme que não tenha alguma metáfora deste tipo. A personalidade do cineasta está sempre projetada. Em *Louco Por Cinema*, o Lula seqüestra uma Comissão de Direitos Humanos e exige em troca as condições e os personagens para rodar o seu filme. Este filme é um pretexto para ele resgatar a memória perdi-

Recursos para a primeira cópia

Louco Por Cinema é uma produção financeiramente modesta. Seu custo total está orçado em US\$ 700 mil, incluindo as etapas de distribuição e divulgação do filme. Até o momento, os recursos obtidos junto ao Pólo de Cinema e Vídeo do DF (US\$ 70 mil), à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (US\$ 85 mil) e ao Banespa (US\$ 250 mil) garantem toda a fase de filmagens e a confecção da primeira cópia do filme.

Para completar o orçamento, a produção do filme espera utilizar até 320 mil Ufirs do Programa Nacional de Apoio à Cultura, através de incentivos fiscais junto à iniciativa privada. "O cinema tem que ser uma conjunção de incentivos públicos e investimentos do empresariado", acredita o produtor de *Louco Por Cinema*, Márcio Curi

(Asa Vídeo). "O cinema é um dos meios de divulgação mais perenes que existem. A publicidade tem um efeito mais intenso momentaneamente. Mas o do cinema é mais prolongado no tempo", argumenta o produtor.

Esperando contar com o apoio da iniciativa privada, o produtor Márcio Curi tem também a intenção de equipar a sede do Pólo de Cinema e Vídeo do DF com mobiliário de apoio e hotelaria. "A infra-estrutura dos prédios está pronta, mas vazia. Vamos tentar humanizar as instalações, arrumando um pouco a sede e doando o mobiliário — o que vai permitir o funcionamento constante do Pólo de Cinema e Vídeo como uma estrutura viva de produção cinematográfica", planeja o produtor.

da nos fragmentos que ele quer recuperar nestes personagens. Estamos num país de Terceiro Mundo e, além do mais, com tanta robalheira, que não sobra nada para se fazer cinema. Quando fiz meu último filme em 1974, *Ubirajara*, quase todos os meus amigos já haviam parado de fazer cinema.

Isto gera uma frustração muito forte — o desejo de fazer e não poder.

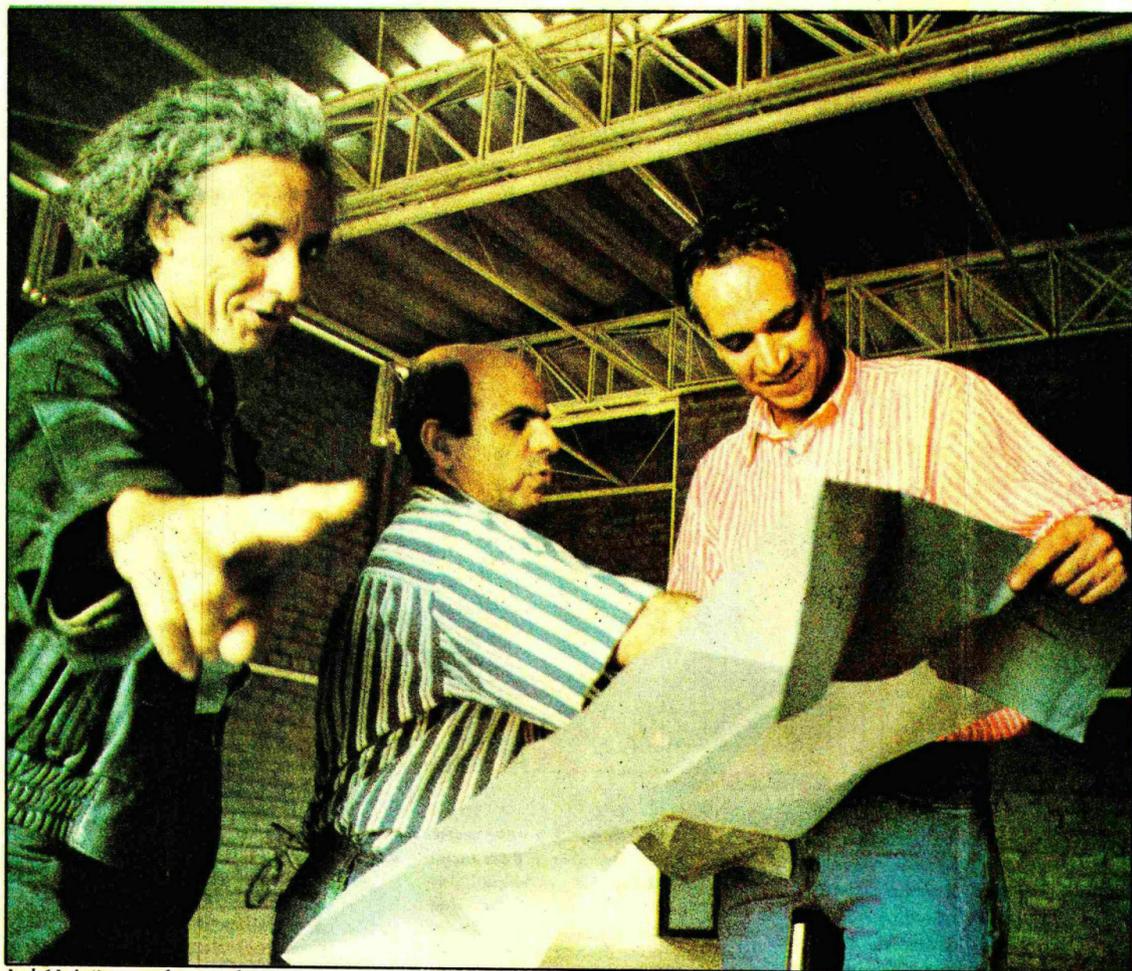
— E com que expectativas em relação ao cinema nacional você começa as filmagens de *Louco Por Cinema*?

— As perspectivas agora parecem ótimas, após a situação de completo arraso deixado pela dupla Col-lor/Ipojuca, representantes máximos da incompetência do País. No mundo inteiro, os governos têm uma preocupação especial com o cinema, enquanto no Brasil é só descaso. Parece que agora todo mundo está se tocando. Surgem pólos de cinema em Brasília, no Rio, no Espírito Santo. E a verba de US\$ 16 milhões reservada pelo MinC para a produção de cinema nacional é sinal do inciozinho de uma recuperação. Significa pelo menos uns dez filmes neste

ano. Acho que 94 vai ser o ano do renascimento do cinema nacional.

— Um possível renascimento do cinema nacional passa também pela superação da falta de comunicação entre os filmes e o público, como virou senso comum quando se fala em cinema nacional?

— Existe esta dificuldade de comunicação, mas não é por causa dos filmes. A maior parte do público está condicionado à bitola das maluquices e efeitos do cinema norte-americano ou às novelas emburrecedoras, que são subproduto do que eles fazem e do que se fazia na época das chanchadas da Atlântida ou dos filmes da Vera Cruz. Agora, nós não temos nem indústrias cinematográficas nem recursos. O custo total de *Louco Por Cinema* será de US\$ 700 mil. Nos Estados Unidos, um filme de US\$ 6 milhões é considerado paupérrimo! Além disso, o cinema brasileiro sempre teve uma especificidade, que é a de expressar a realidade do País. É um cinema que quer refletir as angústias do artista. Nós não temos condições de competir com o cinema de entretenimento americano. É loucura querer remar contra a maré. Mas no dia que o Brasil tiver uma indústria cinematográfica forte, todos vão ver como o cinema nacional será comunicativo.



André Luiz (à esquerda), o produtor Márcio Curi e o cenógrafo Girafa formam o trio que comanda as filmagens de *Loucos por Cinema*

Elenco começa a ser definido pela produção

Com a história de *Louco Por Cinema* se desenrola a maior parte do tempo dentro de um manicômio, suas filmagens acontecerão 80% dentro dos estúdios do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, em Sobradinho. Elas começam apenas em março, e estão planejadas para terminar em maio. A partir desta semana, começa o trabalho de concepção e montagem dos cenários, assinados pelo artista plástico Girafa.

Enquanto isso, a produção já começa a escalar e contactar o elenco de *Louco Por Cinema*. Para o papel principal — a terapeuta Vera — é quase certo a participação da atriz Denise Bandeira. Confirmados, até agora, estão o ator Emanuel Cavalcanti, Belchior, e artistas de Brasília, como Renato Matos, Guilherme Reis, Fernando Villar e Miquéias Paz.

Entre os artistas convidados até agora por André Luiz para integrar o elenco de seu filme, estão Regina Casé, Ney Latorraca, Mauro Mendonça, Roberto Bonfim,

Para os papéis de psiquiatras e enfermeiros, *Louco Por Cinema*, contará com a participação de vários cineastas: Carlos Reichenbach, Roberto Pires, o próprio André Luiz, Antônio Carlos Fontoura, Pedro Jorge de Castro, Denoy de Oliveira, Luís Rosemberg, Alberto Salvá e Sérgio Bernardes Filho.

Depois do carnaval, a diretoria de *casting* do filme abre seleção para o elenco de apoio: "Nós queremos umas 20 pessoas. Não precisa nem ser ator, se for gente com cara de louco já está contratado", brinca o diretor André Luiz. Os habitantes do manicômio de *Louco Por Cinema* serão ambientados em cenários "predominantemente cinzas, o que é uma exigência do diretor", como explica o artista plástico Girafa, cenógrafo do filme.

Além de cinzento, o cenário também contará com objetos fora de escala e angulações falsas das paredes, dando a impressão de uma atmosfera "meio fantástica, fora do prumo, um pouco absurda", comenta Girafa. O projeto de ocupação do galpão de 625 metros quadrados do Pólo de Cinema e Vídeo já deu início, e será o segundo criado por Girafa para o cinema — o primeiro foi a cenografia de *Além do Cinema*, episódio do diretor Pedro Anísio para o longa-metragem *Brasília. A Última Utopia* (1989).